

feltro ~~tenuto~~ fatto di impastamento
e compresso da la ai da pel

smagliantē
lucente
gamme luminose
" gomme bullonē

deforme

informe	<u>informe</u>
<u>disforme</u>	<u>deforme</u>
negotus	<u>disforme</u>

Inventar uma pele para tudo.

antes/depois

Passei o asfalto frio sobre o breu, escurecendo-o. Parecia uma lama oleosa de grande toxicidade. Espalhei depois com um pincel o breu derretido sobre o asfalto frio para secá-lo. O resultado foi uma espécie de borracha brilhante, mineral, que recobria o feltro que estava por baixo de modo estranho. Agora eu tinha um pedaço de algo. Precisava erguer aquilo, dar forma, mas não sabia como determinar essa forma. Não sei por que qualquer escolha parecia tão falsa. Queria que ela aparecesse por si só. Então juntei simplesmente vários pedaços e costurei num tapete disforme. Mas os contornos desse tapete pareciam sempre escolhidos cuidadosamente. Acabei destruindo tudo. Não consigo passar da pele.

ENLARGO DA MATERIA

l'idea di
forme afflosce

Hoje pela manhã chovia, como se nunca tivesse feito um dia diferente. Olhei pela janela e vi os pompos de asas pesadas e os cachorros tristes. Pus a capa e saí. O café com leite me aquecia. Esta chuva, pensei, igual à de ontem e à de amanhã, é tudo o que te acontecerá neste dia. Aproveita bem, portanto.

informe
difforme/deforme
desforme

Il disforme finisce per
organizzarsi per i
bordi

Preciso esquecer a felicidade, mas não a ponto de ser infeliz. Só até esquecer a felicidade.

Hoje vi um lagarto. Não um lagarto, uma folha que parecia um lagarto. Não uma folha, uma pedra que parecia uma folha. Então é uma pedra, pensei desinteressado.

Criar cada detalhe. Se for pendurar algo, por exemplo, criar o grampo. Se o grampo estiver pendurado no teto, criar o teto. Se for o teto de uma casa, criar a casa ou, se estiver a céu aberto, criar o céu aberto.

LF

O disforme acaba organizando-se pelas bordas.

informe finisce per organizzarsi

Em meio ao amorfo, formas retas.

Trae l'amorfo, forme rette
Nel mezzo

In mezzo all'amorfo, forme rette

Fico fitando o sol no raio de sol, o pombo no voo do pombo, o branco do tijolo no tijolo branco. Seria como estar doente se não imaginasse coisas, feito um cenário: uma massa de prata derretida onde certas palavras se refletissem, e também certos detalhes descabidos (memórias, pequenos anagramas incompreensíveis para os outros) e fossem coisas além de imagens, com propriedades físicas que as fizessem afundar (estas pequenas reminiscências, ou símbolos, ou histórias pessoais, ou piadas sem graça) na prata ou no chumbo fervendo como um espelho, e deixassem uma cicatriz física de sua passagem pelo mundo (afinal, afundaram).

Rostos conhecidos concentram-se aos poucos num único rosto.

Há uma lagoa de palavras com um óleo por cima, impressas a giz, mas não consigo lê-las; uma música cheia de outras músicas; bichos mortos e a sensação de que aquilo não é um cenário. Algo me espera ali. Um sentido profundo que deve por isso mesmo interromper os demais sentidos superficiais, impondo-se e transformando (daí o medo) o passado em bobagem (em versões insuficientes diante desta

nova). Algo está para ser dito (quando, por quem?): uma versão triunfal, que mostrará o fracasso completo de todas as outras. Não posso deixar de acreditar nela. E se não acreditar, pior: esta última sentença, já tão severa, se transformará num momento apenas do grande fracasso. Será, ela também, insuficiente e passageira (portanto ainda otimista), contaminada negativamente pelo grande acerto de contas. O terror abre-se assim, como uma alcaçofra, em camadas sucessivas rumo a um centro sempre adiado e cada etapa, cada revelação, é somente a infância do terror futuro e completo.

copi, *verso*, *remenda*
fecho
outro não é

Não devo completar tudo. Estar em dia consigo é uma forma de avareza. Preciso encontrar a fração correta de fracasso.

Melhor converter a angústia num teatro e o horror num cenário do que virar uma "pessoa sofrida".

converter no core

- Diz-se dos que nunca saíram: nunca saíram, como se isto fosse um feito. Dos que saíram não se diz

AREA in italiano e in português
a palavra na lo stesso significa
to mi chiedo il tipo eu pergunto
In Italiano sicuramente
non è comune per riferirsi
a cosrofate

nada. Ou diz-se que saíram, como se tivessem sido ajudados a tornarem-se aquilo que se tornaram.

✓
Eu quis ver mas não o vi. Eu quis ter mas não o tive.
Eu quis. Eu quis o deus mas não o tive. Eu quis o homem, o filho, o primeiro bicho mas não os pude ver. Estava deitado, desperto. Estava desde o início. Quis me mover mas não me movi. Eu quis. Estava debruçado, morto desde o início. A grama alta quase não me deixava ver. Estava morto desde o comecinho. Eu quis o medo mas não o pude ter. Estava deitado, debruçado bem morto. Quis ver o primeiro bicho e a raiz da primeira planta. A grama alta não me deixava ver. Quis ficar acordado mas dormi. Estava deitado e a grama alta não me deixava ver. Os olhos esbugalhados quase morriam pela última vez. Estava ali desde o comecinho. Eu quis o medo mas não o pude ter. Quis o sono, a arca, algum algarismo romano. Quis o homem, mas não este aqui. Quis um deus, mas não este aqui. Ouvi os mil ruídos sem saber do quê. Estava debruçado sobre a grama. Quis virar o corpo e olhar o céu mas não este aqui. Quis olhar a carne desde o comecinho, por trás da pele mas não demasiado profundo. Quis olhar a carne e a raiz da primeira planta (esta só tinha caule). Quis o medo mas não disso aí. Quis dizer: disso aí. Quis virar o corpo mas

para achar
de um
comum?

perché quis
e non quer
27

algarismos arábicos
romanos

erguer mas em ar de se por em
local mas de / mudando
em questo caso é
bom ou bom no

ASSOALHO pavimento em legno
quello con le
doghe trasversali

sem me mexer. Estava morto desde a primeira planta. Estava morto bem morto desde o comecinho da primeira planta. Era um fóssil da primeira planta mas não esta planta aí. Quis dizer: esta planta aí. Quis olhar, olhar, olhar isto aqui. Estava debruçado sobre a grama alta sem me mexer. Quis virar o corpo e ver o céu mas não este aqui. Estava bem morto e quis dizer isto aqui.

A pele do coelho sem o coelho dentro: seus pelos penetram o couro por pequenos poros rosados. Há diferentes cores em cada pelo, mas não muitas: semitons entre o amarelo e o castanho escuro e alguns albinos, também. É assim sem o coelho dentro.

positiva ~~sem o coelho dentro~~
do coelho dentro

Enterrado no térreo, elevado no alto.

Comecei a arrancar a pele das coisas. Queria ver o que havia debaixo. Ergui a superfície do assoalho, que saiu inteira, sem quebrar. Tive de descascar a pele dos tijolos aos poucos, com paciência. A pele do cimento era a mais fina de todas e a dos azulejos refletia como um espelho. Debaixo destas peles

mas com
soo com
fruto?

farpas extremidade móveis e penetrante em forma de folha invertebrada que se adapta às setas, banolanilha etc / pequena larva de madeira / cada uma das pontas de arame farpado tem angular pendente de estandarte ou pendão.

tem rasgado e pendente

Rasgado

Espere de daro por faras

parecia haver outra pele, idêntica porém enrugada. Retirei mais esta camada e o enrugado da superfície aumentou. Fui retirando camadas sucessivas, cada vez mais onduladas e acidentadas. A pele das tábuas do assoalho foi a primeira a apresentar grandes rombos e uma tonalidade avermelhada apareceu em sua parte inferior. Pequenas farpas de madeira prendiam-se agora a ela, perfurando-a em diversos pontos. As camadas da pele do cimento começaram a grudar umas nas outras. Já não era possível retirá-las tão finas (quase transparentes) e a força empregada passou a ser bem maior (tinha os braços cansados, agora). A alteração mais triste acompanhou a pele dos azulejos: quanto mais profundas, mais opacas ficavam as camadas. A nitidez especular da primeira pele (bem superior à do azulejo inteiro) transformou-se pouco a pouco na tonalidade leitosa de um dia nebuloso ou de um olho vazado. A pele dos tijolos foi simplesmente virando pó: se no início era ainda possível descascá-la, havia perdido agora toda consistência e se desintegrava ao primeiro toque. Não era mais uma pele, nem uma superfície: transformara-se num material arenoso qualquer. Podia ser pó de tijolo, cal, areia ou, quem sabe, os restos de um defunto. Por trás de cada pele, portanto, encontrei apenas formas degradadas da pele superficial. Ainda que os dados não sejam suficientes, devo concluir que esta primeira camada não recobre um interior diferenciado, mas

é a expressão mais estável deste interior, que a repete monotonamente.

Espejos são água. Tudo o que reflete ainda está úmido.

Duas formas de instabilidade: brilho (multiplicação de uma superfície) e umidade (degradação ou evolução da superfície original numa outra). A escultura ganhará presença através destes dois modos, ou seja: através de sua possibilidade de degradação ou evolução e de sua capacidade de refletir, de receber a aparência de uma outra superfície. Além disto, no limite, a escultura deve durar um instante. Se dura para sempre, não dura para ninguém.

Aflicção diante das coisas que duram. Para quem elas duram?

Sobre um número, o número. Sobre uma pedra, um grão de areia: a pedra, o grão de areia. Sobre uma

NO LÍMITE

esfera (entre tantas): a esfera, entre tantas. Sobre um som, em meio à sinfonia: este som, em meio à partitura. Sobre uma estrela: a única estrela, sobre os gregos este grego, sobre os sapos este sapo. Sobre as chuvas: esta chuva, esta gota. Sobre os símbolos: nenhum símbolo, sobre a memória: nenhuma, nenhuma.

Mortos, vivos. Cães, latidos.

Enxugar os fósforos.

Ela cozinha e bebe seu rancor todas as noites. Faz uma ferida na pele e se queixa em gemidos constantes enquanto descasca o ferimento para que não cicatrize (é difícil encontrar a medida aqui, pois a ferida deve estacionar: não pode crescer a ponto de deixá-la realmente doente, nem regredir a ponto de retirar o pretexto para seus gemidos. O ressentimento, o rancor e a inveja escoram-se num alto senso de proporção e de medida). Despede-se do que nunca aconteceu e sobre a paisagem deserta, árida, assexuada, onde até mesmo os camelos morrem, so-

decepar /
arco

bre esta arábia sem deus ela se pergunta: como pude fazer isto? como pude jogar fora a minha chance? e a resposta visível para tanto desperdício é: foi *ele*, ou: foram *eles*, ou: eu não tive dinheiro, *eles* tiveram ou, mais complexa: *eles* não sabem o quanto eu valho, não sabem o que estão perdendo. Assim, aliviada, ela ganha fôlego para mais uma temporada neste inferno. Este ódio que não se exterioriza, esta raiva insuportável de não ter vivido, volta-se necessariamente contra o seu portador (envelhece dentro dele, envelhecendo-o). É para livrar-se disto que ela destila seu rancor, calmamente, numa tarde de chuva. Consegue em boa medida poupar-se, mas deve sacrificar coisas demais: na verdade, deve sacrificar o mundo todo, pois por não identificar um alvo preciso contra o qual lutar transforma toda a heterogeneidade, todos os meios-tons num único e grande alvo, num grande culpado unificado. Mas como um fantasma, ele retorna à noite para puxar seus pés.

O portador de uma carta com más notícias acaba de algum modo contaminado pelo seu conteúdo, como se fosse o autor dessas notícias.